

## CARTAS AO PAI: VOZES DISSONANTES EM LUIZ VILELA E FRANZ KAFKA

Eunice Prudenciano de Souza

IFSP

Rauer Ribeiro Rodrigues

UFMS

Rodrigo Andrade Pereira

SED - MS

### Resumo

A proposta deste artigo é estabelecer diálogo comparativo entre o texto epistolar *Carta ao Pai* (1919), de Franz Kafka, e o conto, em formato epistolar, “Carta”, da coletânea *O fim de tudo* (1973), de Luiz Vilela. Observamos, no conto de Luiz Vilela, a retomada da tradição do *pater familias* absolutista, paradigmática em Kafka, na clave da dissonância, pois encena a releitura do acerto de contas, fazendo do pai uma figura que – paradoxalmente – oprime na ausência de autoridade, na fraqueza da inação. Para corroborar tal perspectiva, utilizamos, como base teórica, o ensaio “Tradição e Talento Individual” (1919), de T. S. Elliot, e o livro *Lima Barreto e Dostoiévski: vozes dissonantes* (2012), de André Dias, e com o respaldo de estudos do campo da psicologia que destacam a importância da figura paterna na vida do indivíduo.

**Palavras-chave:** Dissonância; Literatura Comparada; *Pater familias*; Repressão sexual.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-23
----------------------------	-------------	-------	------	------

### Eunice Prudenciano de Souza

Concluiu estágio de pós-doutoramento na UFMS/CPTL (2014-2019), onde atuou como professora na graduação e no PPG-Letras Mestrado e Doutorado. Doutora (2010) e Mestre (2004) em Estudos Literários pela UNESP de Araraquara, onde se graduou em Letras - em 2001. Trabalhou como professora de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Superior privado e no Ensino Fundamental e Médio de colégios públicos e privados. Atualmente, é professora efetiva do IFSP, área de Letras, câmpus de Boituva, e integrante do Grupo de Pesquisa Literatura e vida, vinculado à UFMS, Campus de Três Lagoas. Parecerista de diversas revistas. Tem interesse nas seguintes áreas: Língua e Literaturas de Língua Portuguesa, Literatura na sala de aula, Formação do leitor e Teorias do Conto.



<http://lattes.cnpq.br/8230128367341279>



<https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0001-9069-0698>

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-23
----------------------------	-------------	-------	------	------



### Rauer Ribeiro Rodrigues

Após cursar Filosofia por 4,5 anos na USP ((1979-1982), obteve graduações em Estudos Sociais (1990) e em História (1991) no Instituto Superior de Ensino e Pesquisa de Ituiutaba (ISEPI), Especialização em Literatura na UFU (2000-2001) e doutorado direto em Estudos Literários pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (2002-2006). Fez pós-doutorado em Literatura Comparada na UERJ, tendo Roberto Acízelo por supervisor. É professor aposentado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), onde trabalhou de 2006 a 2024. Integrou o corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMS/Câmpus de Três Lagoas. Presidiu a Comissão Acadêmica Local de Curso (CALC) do Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS) do Câmpus de Três Lagoas, biênio 2020-2022. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Estudos Literários, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira, teoria literária, história da literatura, literatura brasileira contemporânea, conto e escrita feminina. É líder do Grupo de Pesquisa Literatura e Vida e colaborador do Grupo de Pesquisa Literatura e Tempos Sombrios. Tem diversos livros publicados, autorais; é organizador ou coorganizador de dezenas de livros acadêmicos e literários. Atualmente é Diretor-Editorial da Editora Pangeia.



<http://lattes.cnpq.br/0639290942591728>



<https://orcid.org/0000-0002-3045-1879>

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-23
----------------------------	-------------	-------	------	------

### Rodrigo Andrade Pereira

Possui graduação em Licenciatura em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2002), mestrado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2010) e doutorado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2019). Atualmente é professor - Faculdades Integradas de Três Lagoas e professor - SECRETARIA ESTADUAL DE ENSINO DO MATO GROSSO DO SUL, atuando principalmente nos seguintes temas: contos, bildungsroman, gêneros e atmosfera.



<http://lattes.cnpq.br/1823931445321705>

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfnas, MG	v. 15	n. 2	1-23
----------------------------	------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfnas  
Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfnas/MG - CEP 317131-001 - Brasil  
[publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about](http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about)

## CARTAS AO PAI: VOZES DISSONANTES EM LUIZ VILELA E FRANZ KAFKA

Eunice Prudenciano de Souza

IFSP

Rauer Ribeiro Rodrigues

UFMS

Rodrigo Andrade Pereira

SED - MS

### INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é estabelecer diálogo comparativo entre os textos epistolares *Carta ao Pai* (1919), de Franz Kafka, e o conto “Carta”, da coletânea *O fim de tudo* (1973), de Luiz Vilela. Observamos, no conto de Vilela, a retomada da tradição do *pater familias* absolutista, paradigmática em Kafka, na clave da dissonância, pois encena a releitura do acerto de contas, fazendo do pai uma figura que — paradoxalmente — oprime na ausência de autoridade, na fraqueza da inação.

Na Roma e na Grécia antigas, o sistema era monogâmico e patriarcal, com a existência do poder (*potestas*) do *pater familias*. Segundo Débora Spagnol, nessas sociedades, o poder do *pater familias* era absoluto.

Da mesma forma que as romanas, as famílias gregas constituíam uma organização política cujo princípio básico era a autoridade que abrangia todos quantos a ela estavam submetidos. O *pater familias* era ao mesmo tempo chefe político, sacerdote e juiz. A figura paterna era mais importante que o indivíduo e todo o direito era voltado para manter a estrutura familiar e não individual. (Spagnol, 2018, p. 88)

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-23
----------------------------	-------------	-------	------	------

Assim, os *patres familias* exerciam o poder supremo, eram figuras jurídicas plenas, detinham até mesmo o poder de vender os seus filhos como escravos. A prioridade não era o indivíduo, toda a estrutura estava em prol da família. Dentro de um grupo familiar, podia haver somente um detentor de tal estatuto – mesmo os homens adultos viviam sob sua autoridade e não podiam adquirir os direitos do *pater familias* até sua morte.

Em estudos recentes, Edyleine Bellini Peroni Benczik, pesquisadora da psicologia escolar e do desenvolvimento humano, destaca que é reconhecidamente

importante o papel do pai no desenvolvimento da criança e a interação entre pai e filho é um dos fatores decisivos para o desenvolvimento cognitivo e social, facilitando a capacidade de aprendizagem e a integração da criança na comunidade. A experiência clínica tem mostrado que, na vida adulta, as representações dessa vivência insurgem nas várias possibilidades de construção psicoafetiva, com repercussão nas relações sociais. (Benczik, 2011)

Nesse contexto, podemos afirmar que tanto o percurso figurativo do narrador de Kafka quanto o de Vilela são traçados em relação às suas respectivas construções da imagem paterna. O indivíduo adulto termina por ser um reflexo de suas vivências anteriores, que repercutem em suas futuras ações, resultando na ausência de traquejo social desses narradores. Esses sujeitos sentem-se inadequados ao mundo que os rodeia e atribuem essa inadequação à educação recebida na infância e na adolescência. Apontam, ainda, contradições nas condutas paternas, sendo que o pai de Kafka peca pelo excesso de segurança e severidade, enquanto o pai do narrador de Vilela peca pelo excesso de amor e insegurança. Para o senso comum, os pais são responsáveis pela educação e formação dos filhos. Verdadeira fonte de amor, são figuras representativas de bons ensinamentos e conseqüente preparação para as agruras futuras. De certo modo, os dois textos desmistificam verdades, supostamente incontestáveis, de que os pais são “porto seguro”, no qual os filhos podem sempre se apoiar.

Para corroborar tal perspectiva, utilizamos, como base teórica, dentre outros textos, o ensaio “Tradição e Talento Individual” (1919), de T. S. Eliot, e o livro *Lima Barreto e Dostoiévski: vozes dissonantes* (2012), de André Dias, com o respaldo de estudos do campo da psicologia que destacam a importância da figura paterna na vida do indivíduo.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-23
----------------------------	-------------	-------	------	------

## 1. O universo kafkiano

Franz Kafka dispensa grandes apresentações. Seu universo literário é notável pelo absurdo e pela angústia que perpassam grande parte de suas obras, a exemplo de *A metamorfose*, *O processo* e *A colônia penal*. De seus *Diários* brotam, em cada registro, centelhas de uma alma angustiada, transpassada pelo desespero de tentar entender o mundo à sua volta. Kafka preferia comunicar-se por meio de cartas, chegando a escrever milhares delas para amigos e familiares, incluindo sua noiva, Felice Bauer, sua irmã mais nova, Ottilia Kafka, e seu pai, Hermann. A mais famosa delas, “A carta ao Pai” — pelo que consta, nunca efetivamente enviada —, surge, nesse universo, como um possível acerto de contas com a figura paterna. A carta trata essencialmente do relacionamento entre pai e filho, como anunciado pelo título.

Kafka teve uma relação complicada e turbulenta com seu pai, o que parece ter tido uma grande influência sobre sua escrita. E, na referida carta, Kafka aparenta exorcizar muitos dos demônios atribuídos à imagem do pai, construída como um homem forte, física e psicologicamente, cuja segurança e dom oratório contribuíram para a formação do caráter frágil e inseguro do filho, demonstrado durante toda sua vida.

Conforme afirmado anteriormente, a tradição do *pater familias* aparece de modo paradigmático em Kafka: a figura masculina, detentora de poder absoluto, governa a todos com mãos de ferro. É essa figura suprema que emana da obra de Kafka. Geralmente, a criança cresce amparada pelo carinho e amor dos pais; no entanto, as reminiscências de Kafka sobre o progenitor são sempre hostis, aliadas à insegurança e ao medo de sua figura autoritária. Podemos perceber, no homem adulto, o quanto a grandiosa intensidade do ambiente severo de seu lar influenciou a criança sensível que era, corroborando para a formação atual de Kafka. Deepika Srivastava (2020), professora do departamento de psicologia Amity University, ressalta que a paternidade autoritária acarreta indivíduos com sentimentos de infelicidade, ansiedade e baixa autoestima.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-23
----------------------------	-------------	-------	------	------

Hermann, o pai de Kafka, parece ter sido um homem de difícil convívio, que exerceu grande influência na formação de um jovem inseguro, pressionado pela responsabilidade de ser o mais velho dos seis irmãos, dois deles falecidos antes de completar sete anos:

Mas justo como pai você era forte demais para mim, principalmente porque meus irmãos morreram pequenos, minhas irmãs só vieram muito depois e eu tive, portanto, de suportar inteiramente só o primeiro golpe, e para isso eu era fraco demais. (Kafka, 1997, p. 4)

Por ser o primogênito, são compreensíveis as expectativas do pai sobre o futuro do filho. No entanto, Hermann, como pai, “era forte demais” para Kafka filho. Assim, é na convivência do lar que vamos entender as origens da personalidade controversa do autor.

A relação turbulenta com seu pai é evidente na longa carta, na qual ele reclama de ser profundamente afetado pela autoridade e personalidade exigente de Hermann. Em contrapartida, a mãe é descrita como tímida e quieta. A figura dominante do pai de Kafka teve uma influência significativa em sua escrita e em sua formação, marcando definitivamente o homem, como procuraremos demonstrar.

A argumentação de Kafka acerca dessa influência aparenta partir, essencialmente, de uma pergunta feita a ele pelo seu pai, que o narrador retoma, iniciando a carta:

Você me perguntou recentemente por que eu afirmo ter medo de você. Como de costume, não soube responder, em parte justamente por causa do medo que tenho de você, em parte porque na motivação desse medo intervêm tantos pormenores, que mal poderia reuni-los numa fala. (Kafka, 1997, p. 3)

Todo o desenvolvimento do texto epistolar parece ser uma justificativa para esta questão atribuída ao pai, uma tentativa de resposta, por escrito, à indagação deste. De início, o remetente lembra das cobranças do progenitor, por exemplo, de que ele sempre “trabalhou duro a vida toda, sacrificou tudo pelos filhos”, especialmente por ele, que nunca precisou se preocupar com questões financeiras, e, em retribuição, pedira somente afeto, ao que Kafka respondera com distanciamento. Kafka diz que o pai não é culpado por este distanciamento, assim como ele também não.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-23
----------------------------	-------------	-------	------	------

Ao se comparar ao pai, reconhece a si próprio como ser que “não é acionado pela vontade de viver, fazer negócios e conquistar dos Kafka, e sim por um agulhão dos Löwy, que age mais secreto, mais tímido, numa outra direção, e muitas vezes cessa por completo” (Kafka, 1997, p. 4), ao passo que o pai:

[...] ao contrário, um verdadeiro Kafka na força, saúde, apetite, sonoridade de voz, dom de falar, autossatisfação, superioridade diante do mundo, perseverança, presença de espírito, conhecimento dos homens, certa generosidade — naturalmente com todos os defeitos e fraquezas que fazem parte dessas qualidades e para as quais o precipitam seu temperamento e por vezes sua cólera. (Kafka, 1997, p. 4).

Tudo parece ligado ainda ao Kafka menino, uma criança medrosa, e a todo seu crescimento. Podemos perceber, em vários momentos, certa ironia sobre o comportamento paterno, por exemplo, quando Kafka diz que os tios são mais alegres que o pai para, em seguida, reconhecer “talvez fosse mais alegre antes que os filhos — eu em particular — o decepcionassem e oprimissem em casa” (Kafka, 1997, p. 4).

Podemos sentir toda a opressão que emana da figura paterna grandiosa no momento em que Kafka reflete sobre como o pai, homem-feito, e a criança se comportariam um com o outro, concluindo “que você simplesmente me esmagaria sob os pés e que não sobraria nada de mim.” (Kafka, 1997, p. 5). Fisicamente, em todas as cenas da infância, o corpo paterno é robusto, exalando energia e virilidade, sendo que esta prevê uma representação baseada na força, na autoridade e no domínio, em que os homens devem ser fortes ou se mostrar fortes. Diante da grandiosidade paterna, a tensão e a desproporção aumentam quando, durante as aulas de natação ministradas pelo progenitor, o menino tímido, aparentemente envergonhado, compara, em meio a censuras e chistes, seu corpo débil e franzino ao vigor e tamanho do corpo do pai.

Lembro-me por exemplo de que muitas vezes nos despíamos juntos numa cabine. Eu magro, fraco, franzino, você forte, grande, largo. Já na cabine me sentia miserável e na realidade não só diante de você, mas do mundo inteiro, pois para mim você era a medida de todas as coisas. Mas quando saíamos da

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-23
----------------------------	-------------	-------	------	------

cabine diante das pessoas, eu na sua mão, um pequeno esqueleto, inseguro, descalço sobre as pranchas de madeira, com medo da água, incapaz de imitar seus movimentos para nadar, que com boa intenção, mas de fato para minha profunda vergonha, você não parava de me mostrar — então nesses momentos eu ficava muito desesperado e todas as minhas más experiências em todas as áreas confluíam em grande estilo. (Kafka, 1997, p. 6).

Sentindo-se prisioneiro nos limites do lar, o diálogo com o pai tornou-se impossível, como se pode verificar em várias passagens da famosa carta:

“Nenhuma palavra de contestação!” e com isso queria silenciar em mim as forças contrárias que lhe eram tão desagradáveis, mas essa influência era muito forte para mim, eu era dócil demais, emudecia por completo, me escondia de você e só ousava me mexer quando estava tão distante que o seu poder não me alcançava mais, pelo menos diretamente. (Kafka, 1997, p. 9)

Incapaz de contestar qualquer vontade de Hermann, Kafka tentava moldar seu comportamento ao gosto do patriarca. Em consequência, o filho revela que adquirira um “modo de falar entrecortado, gaguejante”, o que irritava ainda mais o pai. Ao final, opta pelo silêncio em sua presença. Além disso, relata que, em vários momentos importantes de sua vida, teve de lidar com as ironias, censuras e opiniões depreciativas e adversas de seu progenitor, repercutindo de modo muito negativo em vários de seus projetos, inclusive nos vários noivados e casamentos nunca efetivados. Reflexões essas corroboradas pelas ideias da psicóloga e professora pesquisadora Ramires, para quem “o modo como a criança é criada tem profundas consequências na estruturação da sua personalidade e na reprodução social dos papéis sexuais” (1997, p 38). Pode-se intuir que, do convívio com seu pai Hermann, Kafka aprendera a duvidar de si mesmo. As inúmeras discussões, frustrações, proibições e castigos marcaram definitivamente seu ser, impedindo-o de viver uma existência segura e integralmente sua.

No texto epistolar, o homem já adulto pôde olhar para dentro de si mesmo no esforço de tentar entender a dimensão das cicatrizes que lhe ficaram na alma. A carta ao pai parece ser um “acerto de contas”, uma tentativa de, ao visitar o passado por meio da memória, livrar-se do fantasma do pai. E somente um olhar para dentro de si mesmo, despojando-se de

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-23
----------------------------	-------------	-------	------	------

ressentimentos e amarguras, possibilitaria o entendimento do passado como uma grande lição. Ao esforçar-se para entender a figura do pai, reduzindo-o a proporções normais, Kafka pôde engendrar um acerto consigo mesmo. A narrativa da carta de Kafka é marcada pela obsessão pela própria impotência em lidar com a realidade e com outros seres humanos, e o seu sentimento de inferioridade em relação ao pai, que, de certo modo, estendeu-se às suas outras relações, amorosas e sociais. Percebe-se a performance de Kafka em consonância com as ideias de Benczik, para quem “na vida adulta, as representações dessa vivência [entre pai e filho] insurgem nas várias possibilidades de construção psicoafetiva, com repercussão nas relações sociais” (Benczik, 2011).

## 2. A dissonância

A novela *Memórias do Subsolo*, de Fiódor Dostoiévski, foi publicada pela primeira vez em 1864 e trata-se do relato de um “homem do subterrâneo” – aludindo, aqui, ao conceito proposto por Antonio Candido no ensaio “Os bichos do subterrâneo” (1971) –, um personagem-narrador isolado socialmente que investe, obstinadamente, contra todos. O mote para suas reflexões surge a partir do dia em que ele se convidou para a festa de uns ex-colegas de turma, os quais nitidamente não desejavam sua presença. A partir daí, incomodado consigo mesmo, vai tecendo – em paradoxal afirmação e negação – considerações acerca de suas vivências sociais. Ex-funcionário público, com o passar do tempo, reflete a respeito dos desgostos causados pela vida pública. Reconhece, ainda, que suas grosserias no cargo eram uma forma de compensação dos descontentamentos ocasionados pela função. Esse “homem do subterrâneo” expressa sua aversão a tudo que envolve a vida social. Candido afirma que o “homem do subterrâneo” – conceito, segundo ele, inaugurado por Dostoiévski em *Memórias do subsolo* – decorre de um conflito entre “um ser social, ligado à necessidade de ajustar-se a certas normas convencionais para sobreviver, e um ser profundo, revoltado contra elas,

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-23
----------------------------	-------------	-------	------	------

inadaptado, vendo a marca da contingência e fragilidade em tudo e em si mesmo.” (Candido, 1971, p. 108).

Em sua tese de doutorado, *Lima Barreto e Dostoiévski: vozes dissonantes*, André Dias, explicando o modo peculiar de narração do narrador-protagonista de *Memórias do subsolo*, expõe que

Em sua exposição de ideias organizada em forma de confissão, o narrador enuncia seu discurso necessariamente na expectativa da palavra do outro, a quem deseja renegar, combater, contestar, mas também diante de quem pretende se afirmar pela diferença, daí o caráter muitas vezes grosseiro, impertinente e rancoroso de seu discurso fruto de uma ação ideologicamente organizada (Dias, 2012, p. 53).

Claramente, de acordo com Dias, o narrador de *Memórias do Subsolo* é um ser marcado pela dissonância em relação ao outro, a quem quer, mais do que apenas contestar, combater e incomodar. É plausível considerar tal comportamento, aparentemente movido pela raiva e pelo sentimento de desajuste perante ao que esperam dele, como uma forma de se colocar no mundo e de demonstrar sua angústia e incômodo diante das relações sociais.

Nesse sentido, podemos pensar que, na tentativa e no fracasso em ajustar-se ao comportamento esperado pelo pai e às normas convencionadas para a performance masculina, Kafka transforma-se no oposto: um ser frágil e inábil socialmente. Por sua vez, no sufocamento pelo excesso de zelo do pai, a personagem de Vilela transforma-se em um ser inadaptado e desajustado em sociedade.

Assim como em *Memórias do subsolo*, temos, nas cartas, indivíduos a falar sobre si mesmos, de suas memórias individuais, construídas ao longo das vivências, sendo responsáveis por suas formações, principalmente na infância e na adolescência, e das impressões e dos sentimentos que resultaram no homem adulto. Pensando na configuração de “homem de subsolo” do narrador de Dostoiévski, podemos estabelecer paralelos com os narradores epistolares aqui estudados. Nas três narrativas – Dostoiévski, Kafka e Vilela –, a formação/isolamento do “homem do subsolo”/personagens decorre de suas vivências, responsáveis pelo homem do “agora”. É por meio de suas memórias que eles fazem um

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-23
----------------------------	-------------	-------	------	------

balanço do que vai em seu próprio “subsolo”. E o que se revela, por meio desse processo, é a revolta interior e a falta de traquejo social. A condição de ruminante do passado os leva às constatações acerca do presente e da manifesta impotência perante à sociedade. O afastamento da vida social é um importante aspecto – voluntário para o narrador de Dostoiévski, decorrente da opressão do pai para o narrador kafkiano e da excessiva proteção paterna para o narrador de Vilela – para a formação da personalidade individual. O isolamento está estritamente relacionado à inabilidade com a realidade exterior, assim, diante da instabilidade e da inabilidade social, essas personagens/indivíduos configuram-se, cada um a seu modo, pela dissonância com a realidade externa.

### 3. A repressão em Luiz Vilela

Desse modo, a nosso ver, o narrador do romance de Dostoiévski assemelha-se, em sua intenção, ao narrador do conto epistolar “Carta”, de Luiz Vilela, publicado na coletânea *O fim de tudo* (1973). Esta narrativa tem forte cunho confessional, exposta em um único jorro, curto, porém intenso, carregado de metáforas e de referências bíblicas — São Miguel Arcanjo e Nossa Senhora — e filosóficas, como o Mito da Caverna, de Platão. O narrador do conto “Carta” escreve uma correspondência ao pai, de modo “grosseiro, impertinente e rancoroso”, para confessar e tentar justificar o ato violento – só revelado ao final do conto – como resultante de sua formação falha. Tal qual o narrador de Dostoiévski, o de “Carta” contesta seu pai, como alguém que “pretende se afirmar pela diferença”, e sua voz destoa da voz paterna, a quem atribui seu crime.

Para justificar sua atitude, utiliza o mesmo procedimento de Kafka em *Carta ao Pai*: redige uma missiva em que expõe as características da figura paterna em contraponto às suas. Se, por um lado, Kafka descreve seu pai como uma figura austera, autoritária e muitas vezes distante, o narrador de “Carta” descreve o seu como uma figura superprotetora – e tal ideia

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-23
----------------------------	-------------	-------	------	------

vai perpassar todo o conto, apontando a referida superproteção como a causa de seu débil, egocêntrico e violento caráter.

O excesso de cuidado paterno já fica evidenciado desde o primeiro período do conto: “Eu era um menino como qualquer outro, amado por um pai extremoso” (Vilela, 2016, p. 44). Esse comportamento do pai se intensificou, segundo o narrador, quando adentrou a adolescência, criando assim uma espécie de “redoma”, feita pela figura paterna, que o “protegeria” do mundo exterior. Porém, o tom confessional do narrador é entremeado com indagações ao pai, todas feitas em tom de revolta: “Mas, Papai, você não vê que o homem é feito de sangue, suor e tripas, e que a pureza é só um sonho?” (Vilela, 2016, p. 44). Aliás, a pureza é o primeiro elemento que o narrador utiliza para caracterizar o pai. “E essa pureza que você carrega como uma tara e que te torna estrangeiro ao mundo e até ao seu próprio corpo?...” (Vilela, 2016, p. 44-45). De algum modo, é como se a falta de habilidade do pai frente ao mundo tivesse sido transferida para o menino. Ele sabe que a vida é feita de “sonho, suor e tripas”, mas o pai, com sua inabilidade e sua superproteção, limitara as experiências do filho no esforço de evitar tudo o que pudesse pôr em risco sua integridade física ou emocional. Com isso, impedira-o de exercer sua autonomia, desabilitando qualquer performance bem-sucedida diante do mundo.

Kafka, em sua carta, confessa ao pai sentir medo dele. Nesse texto, a figura masculina é revelada como detentora de todos os poderes. Suas qualidades físicas e psicológicas permitem que governe a todos com mãos de ferro. Trata-se, historicamente, do comportamento reservado à figura paterna no sistema patriarcal. O homem dita as regras do lar enquanto à mulher cabe obedecê-las, conforme a descrição da figura frágil e tímida da mãe de Kafka. No entanto, o narrador vileliano não sente medo ou respeito pela figura paterna, mas pena por seu comportamento fraco e desprovido de senso de orientação.

O psicólogo Javier Urra, em *O Pequeno Ditador: da criança mimada ao adolescente agressivo* (2009), discute as possíveis causas das atitudes violentas de crianças e jovens. Como o próprio título da obra sugere, crianças superprotegidas e mimadas tendem a se tornar agressivas. Segundo Urra, a educação superprotetora durante a infância gera pessoas inseguras e dependentes. O pesquisador descreve os indivíduos superprotegidos como

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-23
----------------------------	-------------	-------	------	------

vulneráveis, com baixa autoestima e com dificuldade de tolerar a frustração. Além disso, movimentam-se por impulso, procuram satisfações imediatas, não medem limites para conseguir o que desejam e não se responsabilizam pelas consequências de seus atos. Aldo Naouri (2008), pediatra e especialista em relações intrafamiliares, complementa, afirmando que a superproteção coloca a criança no topo da pirâmide familiar e, com isso, ela se torna obsessiva e com graves dificuldades de gerir o “não” e de lidar com a frustração, pois é habituada a ser o centro das atenções e a ter satisfeitas todas as suas vontades.

Diante das colocações de Urra e Naouri, podemos perceber o quão problemática pode ser a superproteção, e o narrador de “Carta” parece ter consciência de seus malefícios. Ao refletir sobre a educação recebida, afirma: “me estragou, me deformou, fez de mim um incapacitado para viver – ressentido, solitário, separado da vida como um bicho selvagem no fundo de uma caverna escura e fria, com medo da luz e dos ruídos” (Vilela, 2016, p. 45). Nesse trecho, é explícita a referência ao Mito da Caverna de Platão. A alegoria fala sobre prisioneiros (desde o nascimento) que vivem isolados e acorrentados ao fundo de uma caverna, passando todo o tempo a olhar para a parede iluminada pela luz gerada por uma fogueira. Nessa parede, são projetadas sombras de estátuas representativas de pessoas, animais, plantas e objetos, configuradoras de cenas e situações do cotidiano. Os prisioneiros dão nomes às imagens (sombras), ao mesmo tempo que analisam e julgam as situações. A partir do respectivo excerto do conto de Vilela, o narrador vai se intitular como um prisioneiro nessa “caverna”, e o primeiro indício de que o mundo lá fora era representado “por sombras” é a figura da mulher. O pai o protege da figura feminina como São Miguel Arcanjo lutando contra o demônio. Esse santo católico – imagens e figuras cristãs são recorrentes em toda obra de Luiz Vilela – é uma espécie de “anjo superior” que protege, sobretudo as crianças, dos perigos do mundo exterior, metáfora que reforça a figura superprotetora do pai.

Tanto na carta de Kafka quanto no conto epistolar de Vilela, as figuras de pai e filho são antagônicas, mas cada narrador demonstra tal antagonismo de maneiras bem diferentes. Vilela nos apresenta essa contradição configurando o inferno interior, representando o filho, e a solidão, representando o pai. Por conta dessa forte tensão, o narrador afirma não ter existido diálogos entre os dois; reconhece que, quando voltava para casa em férias de seus

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-23
----------------------------	-------------	-------	------	------

estudos realizados em outra cidade, o pai se alegrava, mas esse sentimento se manifestava pela mudez do filho, o qual se recolhia em “seu mundo”, e, assim, o pai, tinha o filho sob a sua redoma/olhar ao mesmo tempo que não era “incomodado” com as possíveis intervenções do menino. A privação de liberdade, provocada pela superproteção paterna, é reforçada ainda mais pelo uso da metáfora da gaiola:

Essa mudez era, porém, para você, como um pássaro cantando, só que o pássaro estava engaiolado, e você não via; você achava o canto belo, como iria ver a gaiola? Mas, para o pássaro, o que existia era a gaiola, e não o canto. E o desejo de fugir para a liberdade (Vilela, 2016, p. 46-47).

Nota-se que quanto mais o pai o mantinha sob sua supervisão, mais o garoto ansiava pela liberdade. E o vislumbre de fuga surge na figura de Marisa, menina de 13 anos, a qual incita ainda mais o desejo, por parte do narrador, de sair daquela redoma criada pelo pai: “Marisa estimulou esse desejo. Marisa era a liberdade, a vida, o amor. Eu a amava, Papai”. (Vilela, 2016, p. 47). A menina representa, para o narrador, uma tentativa de suprir a ausência da figura feminina em sua vida, pois a mãe morrera cedo, não tinha irmã e nunca tivera namorada ou prostitutas, porque essas presenças, segundo ele, eram o mundo do qual o pai o “protegera”. O narrador acha surpreendente, “quase louco”, que essa presença feminina, da qual ele tanto sentia falta, surgisse na figura de uma menina de 13 anos.

Diversos estudos alertam sobre os malefícios que o cuidado excessivo pode trazer para a criança e para o futuro adulto, visto que pode afetar negativamente a vida emocional do indivíduo, tornando-o menos capaz de controlar seus impulsos e de lidar com situações sociais. A superproteção, em alguns casos, quando severa demais, pode ocasionar adultos frustrados, egocêntricos, com enormes dificuldades de se relacionar, e até violentos quando contrariados. Isso se pode notar pelas atitudes do narrador do conto, que encerra sua justificativa para, enfim, descrever o seu ato: o sequestro e o estupro de Marisa, com todos os detalhes “sórdidos” e altas doses de insanidade e crueldade:

Faz uma hora que deixei Marisa no quartinho lá fora, jogada na cama, o vestido amarrotado, os cabelos sobre o rosto e manchas de sangue no lençol:

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-23
----------------------------	-------------	-------	------	------

estupro. Sim, Papai, foi isso o que houve: estupro. Eu a levei para lá e a agarrei e ameacei. Não vi a hora que eu fiz isso, mas sei que eu fiz, tudo isso – como um animal (Vilela, 2016, p. 47).

O filho se diz tranquilo com todos os seus feitos e não pensa em fugir; porém, quando o pai chegar, encontrará a carta, que ele teve tempo e tranquilidade para escrever. Tal epístola surge como uma voz dissonante, “de quem pretende se afirmar pela diferença” (Dias, 2012, p. 53), uma tentativa de questionar a “ideologia dominante”. Tanto em Kafka quanto em Luiz Vilela, cada um a seu modo, a “ideologia dominante” é representada pela figura paterna; em Kafka, a forte repressão resultará na moldagem do homem e do artista, e, em Luiz Vilela, a superproteção resultará na figura do criminoso sexual.

#### 4. O diálogo dissonante

Em Vilela e em Kafka, temos – nos dizeres de André Dias ao comentar a “voz dissonante” de Lima Barreto diante da instituição de tratamento mental – uma “emersão de um discurso vigoroso, ácido, contundente, que não se furta a enumerar e criticar os desmazelos aos quais estão submetidos os menos favorecidos” (Dias, 2012, p. 16). Os “menos favorecidos”, nas figuras representadas por Kafka e Vilela, são os filhos, reprimidos ou superprotegidos.

Nessas narrativas, temos, por meio da memória individual, vozes questionadoras de seus tempos, sociedades e condições existenciais. Cada uma, à sua maneira, construiu crítica contundente aos mais distintos valores presentes em suas realidades. São obras que expressam inquietações e questionamentos, tanto na esfera social como na ideológica ou na existencial. No que tange às cartas de Kafka e Vilela, cujas narrativas epistolares, embora distantes no tempo e no espaço, colocam em evidência o fracasso de papéis paternos, além de, singularmente, questionarem os valores hegemônicos. Assim, os autores acabam por constituir obras literárias mediadas pelo estado de permanente inquietação quanto à relação entre pai e filho.

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-23
----------------------------	-------------	-------	------	------

Ao abordarmos a temática da dissonância presente nesses grandes narradores, temos clareza de que todo autor, para o bem e para o mal, é, antes de tudo, um homem de seu tempo. Desse modo, aos que se ocupam da investigação literária, cabe a desafiadora tarefa de, dialogicamente, atualizarem os diversos discursos literários produzidos nos mais variados tempos e espaços históricos.

Nenhum poeta, nenhum artista, tem sua significação completa sozinho. Seu significado e a apreciação que dele fazemos constituem a apreciação de sua relação com os poetas e os artistas mortos. Não se pode estimá-lo em si; é preciso situá-lo, para contraste e comparação, entre os mortos. (Eliot, 1989, p. 39)

Segundo Eliot, o sentido histórico leva “um homem a escrever não somente com a própria geração a que pertence seus ossos” (Eliot, 1989, p. 39), e é aqui que o sentido se amplia e adquire novas significações ao dialogar com as obras que vieram antes. Nessa perspectiva, ao mesmo tempo que Kafka é obra paradigmática, em “Carta”, Luiz Vilela revela a consciência de seu passado, retomando e ressignificando *Carta ao Pai*, cuja figura paterna, agora, peca pelo excesso de zelo. Percebe-se, na narrativa de Vilela, muito claramente a retomada do discurso da tradição kafkiana. Para Eliot, um escritor atinge sua maturidade quando inscreve sua obra em uma ordem que o antecede, pois, para ele, os artistas se completam. Ainda, segundo Eliot, o escritor moderno nada mais faz do que ativar os sentidos preexistentes, dando um “novo talento” ao que já existia. Vilela reconfigura o desajuste do filho pela educação paterna recebida, agora, não mais pela opressão e pelo excesso de virilidade da figura paterna, mas pela fraqueza e desajuste do pai, o qual não consegue lidar com suas próprias inseguranças. Ao questionar a crítica atual, Eliot diz que seu preconceito reside justamente em procurar o traço individual de cada escritor como o revelador de seu talento,

se nos aproximarmos de um poeta sem esse preconceito, poderemos amiúde descobrir que não apenas o melhor mas também as passagens mais

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-23
----------------------------	-------------	-------	------	------

individuais de sua obra podem ser aquelas em que os poetas mortos, seus ancestrais, revelam mais vigoramente sua imortalidade (1989, p. 38).

Vilela retoma Kafka em um tema especialmente caro ao ocidente: a relação do filho com o pai, com o poder que emana da família. A sua importância na estruturação psíquica e no desenvolvimento social do indivíduo foi amplamente discutida em várias áreas de estudo ao longo da tradição. Essa relação pode ser vista como um dos traços definidores do indivíduo, que pode ser algo positivo ou negativo. No caso das obras analisadas, essa relação configura-se pela negatividade, pelo tolhimento, resultando na formação de seres cujas existências são marcadas por relações fracassadas socialmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De alguma maneira, como já frisamos ao abordar a tradição do *pater familias*, a imagem paterna sempre esteve associada, direta ou indiretamente, ao poder. Tanto que, na maioria das vezes, os filhos recebiam somente o sobrenome do progenitor, elemento que determinava a posição social a ser ocupada no mundo. Ao longo do tempo, a figura do pai sempre esteve ligada à provisão financeira, à estrutura familiar e aos limites e rigores sociais. O pai não era questionado, mas obedecido, independente das circunstâncias, o que deixa claro sua grande importância na estruturação psíquica e no desenvolvimento social e cognitivo da criança e do futuro adulto.

As teorias psicológicas e as pesquisas científicas reconhecem e fundamentam o papel da figura paterna no desenvolvimento e no psiquismo infantil. Edyleine Benczik (2009) afirma que o progenitor é um pilar muito importante no desenvolvimento de qualquer criança. Para a pesquisadora, a interação entre pai e filho é um dos fatores decisivos para o seu desenvolvimento cognitivo e social, facilitando a sua capacidade de aprendizagem e a sua integração com a comunidade. Como pressuposto da teoria psicanalítica, tem-se o papel estruturante do pai na vida do indivíduo, sendo preponderante para sua saída do estado de natureza e ingresso na cultura.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-23
----------------------------	-------------	-------	------	------

A figura paterna é determinante na formação da personalidade infantil e tanto o excesso quanto a ausência de autoridade masculina podem acarretar desvios de conduta e de caráter no futuro adulto. Em geral, os infantes tendem a imitar o comportamento dos pais, todavia, quando não conseguem seguir modelos considerados superiores às suas capacidades, podem se sentir frustrados e inseguros – como no caso do narrador de Kafka. Por outro lado, quando se sentem tolhidos pelo excesso de zelo e de proteção, podem sentir a necessidade de romper com os limites do lar, conforme ocorre com o narrador de Vilela. Assim, a autoridade e comportamento manifestados pelo pai durante a infância e adolescência de seu filho determinará como, durante a idade adulta, seu descendente se relacionará com as figuras de autoridade e com as responsabilidades sociais.

Nesse sentido, o narrador projetado, a partir da imagem de Kafka, e o narrador do conto de Luiz Vilela, ao assumirem uma posição que contesta comportamentos e ações paternas, configuram-se como vozes ousadas, dissonantes, pois decidiram negar o lugar tradicionalmente destinado, ao longo da formação e trajetória dos filhos, às figuras paternas, como seres protetores e experientes.

## Referências

BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 28, n. 85, p. 67-75, 2011. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862011000100007](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862011000100007). Acesso em: 29 de fev. de 2025.

CANDIDO, Antonio. Os bichos do subterrâneo. *In: Tese e Antítese*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

DIAS, André. **Lima Barreto e Dostoiévski: vozes dissonantes**. Niterói: Editora da UFF, 2012.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do subsolo**. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2009.

ELIOT, T. S. Tradição e talento individual. *In: Ensaios*. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. São Paulo: Art, 1989. p. 37-48.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-23
----------------------------	-------------	-------	------	------

KAFKA, Franz. **Carta ao Pai**. Trad. Modesto Carone. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

NAOURI, Aldo. **Educar os Filhos**: Uma urgência nos dias que correm. 2. ed. Alfragide: Livros d'Hoje, 2008.

RAMIRES, Vera Regina. **O exercício da paternidade hoje**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SPAGNOL, Débora. Do “pater familias” à coparentalidade: breve análise da evolução familiar. *In*: GOMES, Josiane Araújo. **Temas contemporâneos de direito das famílias**. São Paulo: Pillares, 2018. v. 3, p. 87-101. Disponível em: <https://vlex.com.br/source/temas-contemporaneos-de-direito-das-familias-volume-3-22067>. Acesso em: 14 mar. 2025.

SRIVASTAV, Deepika; MATHUR, M.N. Lal. Helicopter Parenting and Adolescent Development: From the Perspective of Mental Health. **Parenting**, 5 out. 2020. Disponível em: <https://www.intechopen.com/chapters/72823>. Acesso em: 3 abr. 2024.

URRA, Javier. **O Pequeno Ditador**: da criança mimada ao adolescente agressivo. 14. ed. Lisboa: A esfera dos livros, 2009.

VILELA, Luiz. **O fim de tudo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-23
----------------------------	-------------	-------	------	------

LETTERS TO THE FATHER: DISSONANT VOICES  
IN LUIZ VILELA AND FRANZ KAFKA

Eunice Prudenciano de Souza

IFSP

Rauer Ribeiro Rodrigues

UFMS

Rodrigo Andrade Pereira

SED - MS

**ABSTRACT**

The purpose of this article is to establish a comparative dialogue between the epistolary text “Letter to the father” (1919), by Franz Kafka, and the short story, in epistolary format, “Carta”, from the collection *O fim de tudo* (1973), by Luiz Vilela. We observe, in Luiz Vilela’s short story, the resumption of the tradition of the absolutist pater familias, paradigmatic in Kafka, in the key of dissonance, as it stages the reinterpretation of the settling of accounts, making the father a figure that – paradoxically – oppresses in the absence of authority, in the weakness of inaction. To prove this perspective, we use, as a theoretical basis, the essay “Tradition and Individual Talent” (1919), by T. S. Elliot, and the book **Lima Barreto e Dostoiévski: vozes dissonantes** (2012), by André Dias and the support of studies in the field of psychology that highlight the importance of the father figure in the individual’s life.

**Keywords:** Dissonance; Comparative literature; Pater families; Sexual repression.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-23
----------------------------	-------------	-------	------	------

## CARTAS AL PADRE: VOCES DISONANTES EN LUIZ VILELA Y FRANZ KAFKA

Eunice Prudenciano de Souza

IFSP

Rauer Ribeiro Rodrigues

UFMS

Rodrigo Andrade Pereira

SED - MS

### RESUMEN

El propósito de este artículo es establecer un diálogo comparativo entre el texto epistolar Carta al padre (1919), de Franz Kafka, y el cuento, en formato epistolar, "Carta", de la colección **O fim de tudo** (1973), de Luiz Vilela. Observamos, en el cuento de Luiz Vilela, la reanudación de la tradición del pater familias absolutista, paradigmática en Kafka, en clave de disonancia, al poner en escena la relectura del ajuste de cuentas, haciendo del padre una figura que – paradójicamente – oprime en ausencia de autoridad, en la debilidad de la inacción. Para probar esta perspectiva utilizamos, como base teórica, el ensayo "Tradição e Talento Individual" (1919), de T. S. Elliot, y el libro **Lima Barreto e Dostoiévski: vozes dissonantes** (2012), de André Dias, y el apoyo de estudios en el campo de la psicología que resaltan la importancia de la figura paterna en la vida del individuo.

**Palabras-clave:** Disonancia; Literatura comparativa; Paterfamilias; Represión sexual.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-23
----------------------------	-------------	-------	------	------